

Ararat, Hermon e Sion paulistanos

Márcio Mendes da Luz*

Introdução

Este é um estudo realizado no primeiro semestre de 2008 sobre história comparada. Nele eu aplico métodos comparativos em um trabalho historiográfico de imigração e demonstro como esses métodos podem ajudar a melhorar presente historiografia.

Como Truzzi(2005) bem demonstrou em seu trabalho¹, quem utiliza comparações em estudos migratórios consegue perceber quais são as peculiaridades e semelhanças do grupo que estuda com outros grupos, assim como o seu trabalho deixa de ser provinciano e passa a ter um aspecto mais global evitando cair em erros de análise. O autor se baseando em Nancy Green² (1990) afirma que trabalhos de comparação em estudos imigratórios podem ser realizados em três níveis distintos: **linear** onde o se compara a situação do grupo antes e depois da experiência de imigração, **convergente** onde o autor compara a imigração de dois ou mais grupos na mesma região, ou cidade e **divergente** onde se compara a experiência de imigração de um grupo em duas regiões, ou cidades, distintas. Esses três planos de comparação não precisam ser aplicados individualmente podem ser utilizados dois planos ao mesmo tempo.

No presente estudo eu utilizo o método convergente: estudar a imigração e a inserção econômica, social e política do imigrante judeu, sírio-libanes e armênio em São Paulo ao longo do século XX. No desenvolver deste trabalho também pretendo inserir alguns toques de comparação divergente ou linear. Pretendo demonstrar semelhanças e particularidades de cada grupo em sua trajetória na sociedade paulista.

* Mestrando. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

¹ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra, **Notas acerca do uso do método comparativo no campo dos estudos migratórios**, In: **Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas**, org. Zeila de Brito Fabri e Oswaldo Mário Serra Truzzi, Edufscar, São Carlos, 2005.

² GREEN, Nancy, **L'histoire comparative et le champ des études migratoires**, Annales, ESC, nov-dec, 1990, n°6

Imigração

O título do esboço faz alusão as três principais montanhas da Armênia, Líbano-Síria e Israel respectivamente e que posteriormente ganharia conotação nacionalista nesses países. São três montes que tem o mesmo simbolismo, mas destinos diferentes.

Ao mesmo tempo em que a imigração dos grupos é similar, também aponta diferenças que influenciaram na trajetória deles no século XX. A imigração dos três grupos tem em comum não ter sido subsidiada pelo governo brasileiro, no Brasil são majoritariamente urbanos, chegaram mais ou menos na mesma época (final do século XIX e início do século XX), ocuparam bairros próximos na capital paulista e muitas vezes mantinham intercâmbio comercial por ocuparem nichos econômicos muito próximos e são os grupos que conseguiram melhor desempenho econômico. Os motivos de imigração são bem próximos: a pressão política e o esfacelamento econômico e social tanto do Império Turco Otomano, do Império Russo czarista ou mesmo o III Reich foram importantes na decisão de imigrar.

Dos três grupos, os primeiros a chegar em massa e sistematicamente foram os sírios e libaneses. Podemos afirmar a existência de uma imigração síria³ para o Brasil a partir de meados da década 80 do século XIX, os primeiros sírios imigraram primeiramente para a região amazônica atraídos pelo *boom* da borracha. Somente a partir da década de 90 do século XIX que os primeiros sírios passaram a vir para São Paulo e desde então esse seria o principal destino de imigração desse grupo para o Brasil.

A maioria dos imigrantes sírios dessa época eram cristãos que fugiam da pressão política que sofriam dos muçulmanos (religião oficial do Império Otomano) e também dos druzos (seita islâmica) que tinham simpatia do governo, um dos fatos que desencadeou todo o processo de imigração de cristãos foi o grande massacre de 1860 no qual tribos druzas, incitadas pelas autoridades muçulmanas, incendiaram vilas cristãs matando centenas de pessoas. Outro fato que desagradou bastante os sírios cristãos foi a obrigatoriedade de servir ao exército que passou a ser exigido em 1909, jovens cristãos não estavam dispostos a serem párias e morrer nas mãos das autoridades militares turcas.

Outro fator foi a degradação econômica da região na época. No que hoje é a Síria e o Líbano no século XIX foi um importante centro têxtil do Império Turco, com a construção do canal de Suez (1869) e a entrada facilitada dos tecidos orientais, principalmente a seda, fez com que o tecido sírio, de qualidade inferior, ficasse marginalizado e assim a crescente indústria têxtil da região foi a falência. Aliada a esta situação está o imenso crescimento

³ No restante desse trabalho ao invés de utilizar o termo sírio-libanes utilizarei apenas o termo sírio

populacional, cidades como Beirute que no início do século XIX tinha apenas 5 mil habitantes, chegou ao seu final com 120 mil almas, o que em uma região de poucas terras férteis, onde a agricultura era de subsistência, o acréscimo populacional foi um grande problema. A imigração foi uma válvula de escape para essa população.

A imigração síria para São Paulo pode se dividir em três períodos: o primeiro e maior foi de 1895 até 1914, sendo o auge o ano de 1913 com 11.114 sírios imigrados, o segundo será de 1919-20 até 1934 quando passa haver restrição de imigração, o terceiro seria no pós-guerra com uma grande parcela de islâmicos, no presente artigo interessa analisar os dois primeiros momentos da imigração desse grupo. Estima-se que entre 1908-1941 tenha imigrado para São Paulo 48.326 sírio-libaneses⁴.

Além da peculiaridade de ser de maioria cristã, os que vinham no primeiro momento da imigração eram majoritariamente agricultores, solteiros, ou sem famílias (avulsos) e do sexo masculino e vinham com a perspectiva de voltar ao lar com uma situação econômica melhor. A partir do segundo período com o fim do Império Turco e a região dividida entre França e Inglaterra onde as tensões locais entre mulçumanos e cristãos se acirraram, a imigração desse grupo passou a ganhar características diferentes onde famílias passavam a imigrar e a perspectiva de volta ao lar parou de ser o plano dos imigrantes.

Outra característica importante na imigração síria é o caráter familiar. A decisão de imigração do indivíduo não nascia de sua decisão e sim da decisão de sua família e era ela que decidia quem iria para a América e quem ficava para cuidar da propriedade local, conseqüentemente isso acarretava no fenômeno da **imigração em corrente** onde um irmão, pioneiro, vinha e estabelecia-se e depois passava a bancar a vinda dos demais irmãos, pais, mulher e filhos para lhe ajudar a crescer no Brasil. Além disso, ter um filho, ou o marido, imigrante na América, dava prestígio para família no Líbano ou na Síria, mas isso será discutido mais adiante.

Quase que ao mesmo tempo em que os sírios vinham para São Paulo, os armênios também para cá imigravam e assim como eles, eram cristãos que viviam sob a pressão do Império Turco e tinham seus direitos políticos, sociais e econômicos impedidos pelas autoridades turco-mulçumanos. Mas mais do que ocorria na Síria ou Líbano, a Armênia turca⁵ sofria com intensos massacres, estima-se que apenas entre 1915-1923 tenha morrido cerca de 1.000.000 de pessoas em conflitos com as tropas turcas, um verdadeiro holocausto chamado de genocídio armênio.

⁴ KNOWLTON, Clark, **Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhambi, 1961.

⁵ Que ia desde o norte da atual Síria e Iraque até o leste da atual Turquia,

A imigração armênia para o Brasil pode ser dividida em dois períodos: assim como os sírios, o primeiro período foi no final do século XIX e início do XX, mas ao contrário desses, não tinham perspectiva de voltar ao lar armênio na Turquia por causa da pressão maior que as autoridades mulçumanas exerciam sobre eles. O segundo período, o maior, foi na década de 20 até a segunda guerra mundial⁶ em consequência do grande genocídio armênio. Estima-se que entre 1900-1940 tenha imigrado para o Brasil cerca de 25 mil armênios, mais de 90% desse contingente fixou-se no estado de São Paulo.

O grupo judeu eu creio ser, diferentemente dos dois anteriores, o mais difícil de analisar por causa da diversidade de países que provinham e conseqüentemente são várias imigrações dentro de um grupo. Se fosse dividir a imigração judaica para São Paulo por etapas, eu a dividiria em três etapas: a primeira e maior foi de 1900-1930 composta majoritariamente por judeus da Europa Oriental (ashkenazim) e por judeus do Oriente Médio (Sefaraditas⁷ e Mizrahim⁸). Tantos os judeus da Europa Oriental assim como os do Oriente Médio sofriam pressões econômicas e políticas de seus governantes. Esses sofreram com os mesmos dilemas que os sírios cristãos sofreram: opressão política de druzos e mulçumanos, esfacelamento econômico e o desagrado de ter que servir ao exército turco.

O judeu da Europa Oriental seja os do Império Czarista, os da Polônia ou da Romênia, sofriam constantes ataques (*pogrom*) de turbas enfurecidas incentivadas pelas autoridades, principalmente os que estavam sob o julgo russo que eram obrigados a viver em uma região denominada de Zona de Residência (*Pale Settlement*) que se localizava no que hoje é oeste da Ucrânia e a república da Moldávia. Os judeus russos que viviam nessa região⁹ sofriam constantes *pogroms* principalmente após 1881 quando morreu o Czar Alexander II após um atentado provocado por um grupo paramilitar urbano no qual judeus faziam parte.

Acredita-se que entre 1900-1930 tenha imigrado para o Brasil 40.185 judeus, 22.296 somente no período entre 1925-1930 quando os Estados Unidos e a Argentina passaram a restringir a sua imigração em seus territórios. Metade desse contingente se estabeleceu em São Paulo. Assim como os armênios, os judeus que vinham nessa época não tinham nenhuma perspectiva de volta ao lar, com exceção dos sefaraditas e mizrahim, mas ao contrário dos imigrantes armênios e sírios que eram agricultores, a maioria dos judeus dessa época exercia pequenos ofícios artesanais como alfaiates, sapateiros, marceneiros e açougueiros ou nas

⁶ GRÜN, Roberto, **Negócios e famílias: armênios em São Paulo**, São Paulo, Sumaré, 1992.

⁷ Judeus com sobrenomes hispânicos, são descendentes dos judeus que foram expulsos da Espanha em 1492 e de Portugal em 1506 que se estabeleceram em diversas colônias ao longo do mediterrâneo, Holanda e Inglaterra.

⁸ Judeus do Oriente Médio de sobrenome árabe.

⁹ 95% dos judeus do Império Russo moravam na Zona de Residência

pequenas vilas da Europa Oriental chamadas de *Shtetl*, ou nos centros urbanos do Império Otomano.

O segundo momento dessa imigração seria entre 1933-1941 composto majoritariamente por judeus da Europa Central que fugiam do crescente nazi-fascismo que assolava países como Alemanha, Itália, Hungria, Romênia, Polônia, França de Vichy, etc. Ao contrário dos que imigraram anteriormente esses imigrantes eram em sua maioria profissionais liberais ou industriais e sofreram restrições para se estabelecer em solo brasileiro. Mas apesar da política de restrição adotada pelo governo Vargas, Decol¹⁰ contabilizou a entrada de 29.675 judeus no Brasil nessa época. Kleiner¹¹ apurou que 8 mil judeus alemães imigrara para o Brasil entre 1933 e 1941 no qual quase 100% se estabeleceram em São Paulo.

O terceiro período seria de 1945-1960 composto majoritariamente por imigrantes do norte da África e do Oriente Médio que passaram sofrer perseguições em seus países após a criação do Estado de Israel, assim como por judeus da Hungria que fugiam da invasão soviética de 1956. Calculou-se que entre 1940-1959 tenha entrado no país 23.755 judeus¹². Assim como os anteriores, eram compostos por profissionais liberais e industriais e assim como os dos outros dois períodos, não tinham o menor interesse de voltar para o país de origem e vinham com suas famílias já montadas, ao contrário dos sírios do início do século XX.

Analisando a imigração dos três grupos verifica-se que apesar da origem em comum, motivos quase próximos, a essência delas foi diferente. Apesar de sofrerem com pressão política e social dos mulçumanos, os sírios e libaneses cristãos não sofreram a mesma pressão que armênios sofreram sob os mesmos turcos e os judeus que sofreram na Europa Oriental do início do século, na Europa Central da década de 30 e Hungria, Egito e Oriente Médio do pós-guerra, a pressão exercida sobre esses dois grupos ao longo do século resultou em milhões de mortes. Outro fator é o momento da imigração diferente que será tratado mais adiante, mas aqui adianto que pelo fato dos sírios chegar em massa antes de judeus e armênios tiveram maior sucesso em sua inserção na sociedade paulistana.

¹⁰ DECOL, René, **migrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus**, tese de doutorado em demografia, Unicamp, Campinas, Dezembro de 1999.

¹¹ KLEINER, Alberto. **Inmigracion judia a Brasil**, Instituto Hebreo de Ciências, Buenos Aires, 1943.

¹² DECOL, René, **Judeus brasileiros: um panorama demográfico**. In: **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**, Humanitas, São Paulo, 2001, p. 53-68.

Inserção Social

Recorrendo a Poutignat e Streiff-Fenart¹³ onde os autores definem que os grupos imigrantes ao se instalarem em uma sociedade passam por quatro etapas de inserção: adaptação, competição, conflito e assimilação. Das quatro etapas passarei pelas três primeiras que são as etapas que melhor define a inserção social, econômica e política dos três grupos em São Paulo e não acredito em assimilação desses grupos, mas que nesse momento não escreverei o porquê dessa descrença. Na inserção no estado de São Paulo, os três grupos têm em comum ser majoritariamente urbanos, mas com algumas diferenças em sua distribuição espacial no estado e na capital.

Dos três grupos analisado nesse esboço, os sírios foram os primeiros a chegar em massa para o Brasil (1895 -1914) por isso ocuparam lugares mais centrais da cidade de São Paulo. Na capital os sírios ocuparam principalmente um “triângulo” formado pelas ruas 25 de março, Santa Ifigênia e Florenço de Abreu, lá a primeira geração montou as suas lojas de armarinhos e no andar de cima de suas lojas, as suas residências. A concentração de sírios e libaneses no local era tal que a Rua 25 era chamada vulgarmente de “a rua dos turcos”.

Mas ao contrário dos judeus e armênios que eram concentrados na capital paulista, os sírios, apesar de urbanos eram mais distribuídos por outras cidades do estado paulista. Acredita-se que um dos fatores para essa melhor distribuição seja o caráter da primeira função econômica desses imigrantes, a mascateação. O mascate em busca de espaço para crescer se aventurou no interior do estado de São Paulo e de outros estados, criando assim em um momento posterior dentro da comunidade o mito fundador do mascate sírio como o “bandeirante do comércio”. Mas antes que eu me empolgue eu quero avisar a meus amigos que analisar a figura do mascate, que abrange os três grupos, será discutido mais adiante.

O censo de 1920 contabilizou 19.290 sírios no estado de São Paulo, destes apenas 5.988 viviam na capital paulista em sua maioria concentrados no triângulo central da capital. O que não ocorrerá com os outros dois grupos, judeus e armênios estão amplamente concentrados em duas ou três cidades em volta da capital paulista, no caso armênio estão concentrados em São Paulo e Osasco e no caso judeu é 95% concentrado na cidade de São Paulo e 5% dividido entre Santo André e São Caetano.

Judeus e Armênios que tiveram o auge de suas imigrações em momentos muito próximos um do outro ocuparam bairros na capital paulista semelhantes. Os judeus

¹³ POUTIGNAT, Philippe & STREIF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, São Paulo: Ed. Da Unesp. 1998.

ashkenazitas, a maioria dos judeus em São Paulo, ocuparam o bairro do Bom Retiro, já os judeus sefaraditas e mizrahim montaram uma pequena comunidade no bairro da Mooca. Os armênios montaram a sua maior colônia no bairro da Luz, vizinho do Bom Retiro, a rua São Caetano era conhecida como a rua dos armênios onde montaram suas lojas de calçados.

Apesar da resistência da sociedade maior em aceitar o elemento imigrante na sociedade nativa, esses construíram maneiras e artimanhas para se inserir socialmente entre a elite da sociedade paulistana. Seja se tornando vizinhos dos Álvares Penteados ou mesmo realizando grandes festas em clubes que são tão ou mais vistosos que os da elite quatrocentona, assim fazem sua própria sociedade com seus costumes e valores.

Mas conforme os imigrantes iam conseguindo amedidar fortunas e seus negócios iam crescendo, esses imigrantes, armênios, judeus e sírios, preferiram sair de suas primeiras moradias nos bairros centrais da capital paulista e foram procurar novas moradias em bairros mais nobres. Knowlton¹⁴ verificou que muitos sírios, quase todos imigrantes do primeiro período, que conseguiram sucessos em seus negócios migraram de suas residências do triângulo central para construir mansões na região da avenida paulista. Judeus que conseguiram o mesmo sucesso passaram a residir no bairro do Higienópolis¹⁵ assim como armênios, ficaram nessas regiões centrais da cidade apenas aqueles que não conseguiram sucesso econômico. O mesmo não ocorreu com judeus do segundo e terceiro período, esses por serem profissionais liberais e conseqüentemente tinha empregos melhores e mais rentáveis já ocuparam diretamente esses bairros mais nobres da capital.

Ao migrarem para as regiões mais nobres da capital paulista, judeus, armênios e sírios caíram em uma das barreiras da sociedade brasileira, o da inserção na alta sociedade paulistana. Clubes como o Paulistano nos Jardins que era freqüentado pela elite quatrocentona¹⁶ paulistana não aceitava imigrantes como seus sócios, por mais ricos que fossem. Então os imigrantes constituíram seus próprios clubes e instituições, para esses três grupos as instituições da comunidade ocupavam um espaço não preenchido pela ausência de um Estado Nacional que os representassem, na década de 30 ainda não existia a república do Líbano, ou a república Síria, a Armênia era apenas um estado soviético e Israel não passava de uma promessa. Mas apesar de ajudar a montar uma identidade imigrante sobre esses grupos, os clubes e instituições tiveram pesos e medidas diferentes entre eles.

¹⁴ KNOWLTON, Clark, op.cit.

¹⁵ O Bom Retiro que no século XIX era o bairro da elite quatrocentona paulistana, mas com a vinda de imigrantes que passaram a ocupar esse bairro fez com que a elite passasse a rejeitar esse bairro que ficara imundo com o surgimento de cortiços e assim criaram Higienópolis, a cidade da higiene. Um bairro ficou o oposto ao outro e a troca do bairro central pelo bairro nobre significava ascensão social.

¹⁶ Famílias paulistanas tradicionais

No caso sírio a criação desses clubes apenas reforçou a competição e poder entre as elites da comunidade. Os sírios na ausência de um Estado centralizado criaram uma identidade regional muito forte e no Brasil conforme foram despontando alguns líderes da comunidade essas diferenças regionais também foram se estabelecendo. Na comunidade síria criou-se o clube Zahle, clube Homs, um clube para cada região do Líbano e Síria e cada clube tinha seu benemérito, a rigor não tinha nenhuma restrição de acesso de sírios a qualquer clube da comunidade, mas na prática apenas os sírios originários dessa região os freqüentavam.

Os maiores exemplos de rivalidades regionais foram a criação do clube da comunidade e do Hospital. Na década de 30 com a criação do Líbano como região autônoma, os libaneses passaram a requerer o nome Líbano no clube, a parte síria se recusava alegando que o Líbano era uma criação das potências ocidentais, os libaneses respondiam que o Líbano tinha uma história mais rica que a Síria, os fenícios estavam para eles assim como os romanos para os italianos. Não houve solução e os libaneses montaram seu próprio clube. No caso do Hospital o conflito foi o mesmo, mas como quem estava financiando a maior parte do Hospital era a família Jafet, libanesa, o adjetivo libanês foi inserido no nome.

No caso armênio desconheço diferenças regionais possibilitando assim o estabelecimento de um clube, mas havia algumas diferenças religiosas, entre católicos romanos, católicos armênios e protestantes, cada um montando o seu templo e escola. Já entre os judeus as diferenças eram mais que regionais, eram culturais e políticos, judeus ashkenazitas tendiam a ser mais religiosos e conservadores, falavam o iídiche¹⁷ e na década de 30 e 40 eram sionistas, enquanto que os judeus sefaraditas eram mais liberais e falavam o ladino¹⁸ e os mizrahim apesar de serem mais religiosos falavam o árabe, judeus da Europa Central não eram religiosos, eram mais assimilados, falavam a língua do seu país de origem e eram anti-sionistas.

Essas diferenças políticas, religiosas e culturais dificultaram a criação de um clube ou de um hospital da comunidade, isso só foi possível após a criação do Estado de Israel e os traumas da segunda guerra mundial. Até então havia apenas pequenos clubes e instituições de beneficência para cada grupo. A seguir trecho de uma entrevista que realizei com filho de um imigrante judeu ashkenazita que exemplifica um pouco a amplitude da diferença que havia entre os grupos judeus na cidade de São Paulo:

¹⁷ Alemão medieval com termos em hebraico e eslavo.

¹⁸ Espanhol medieval misturado com termos hebraicos e árabe.

Na minha juventude, eu não tinha nem conhecimentos de outra comunidade de judeus que não eram aqueles que eu conhecia no Bom Retiro. Naquele tempo eu me lembro que existia inclusive uma certa rixa de judeus ashkenazitas da Rússia e judeus ashkenazitas da Polônia, em casa nunca teve essa discriminação, mas eu lembro de uma tia que achava que judeu diferente dela, era um judeu de outra categoria, o que na realidade não é¹⁹

Mas além de instituir as diferenças regionais e ocupar o lugar não preenchido por um Estado Nacional ausente, essas instituições também tinham o caráter afirmar o status dos líderes dentro da comunidade, assim como da comunidade perante a sociedade nativa e também de mantenedores de uma identidade étnica do grupo. Financiar clubes e instituições de beneficência dava grande prestígio aos seus “beneméritos” dentro da comunidade e esses filantropos disputavam entre si quem financiava mais obras de caridade. Possuir clubes suntuosos também reforça o status da comunidade perante a sociedade nativa e outros grupos imigrantes, reforçando assim a imagem de bens sucedidos que cresceram sozinhos. Além de ser um grande centro de mantenedores de uma identidade étnica reforçando os casamentos dentro da comunidade, os bailes dos clubes eram verdadeiros leilões de noivos e noivas entre as elites da comunidade.

Isso ocorria nos três grupos imigrantes onde a relação de compadrio entre as elites era forte. Se formos pegar um exemplo mais próximo de nós o caso do Paulo Salim Maluf: Sua mãe, Maria Stefno Maluf é filha de Miguel Stéfno importante industrial da comunidade, seu pai Salim Maluf foi importante comerciante da comunidade e fundador da Eucatex, o político paulistano é casado com Silvia Lutfala, filha de um importante industrial do ramo têxtil e vizinho a casa dos Maluf e sua irmã foi casada com Ricardo Jafet, político-industrial-banqueiro. Isso sem contar as várias famílias que incentivavam o casamento entre primos. Outro modo que essas elites conseguiram inserir-se na sociedade brasileira foi através de seus filhos que passaram a frequentar os cursos superiores de engenharia, direito e medicina. Assim os ricos comerciantes conseguiam legitimar a sua posição social possuindo filhos que obtiveram formação superior e assim não ficavam em posição inferior aos filhos da elite quatrocentona.

Como vimos, a inserção social sempre esteve acompanhada da inserção econômica, conforme os imigrantes da primeira geração conseguiam enriquecer eles foram criando formas para se inserir na sociedade paulista. Mas tenho algumas ressalvas, a inserção que analisei acima foi da elite da comunidade, mas e as pessoas da comunidade que não conseguiram sucesso econômico? Será que tiveram outras formas de se inserir na sociedade

¹⁹ Entrevista realizada por Márcio Mendes da Luz em 05-05-2006 , entrevistado: Levy Rubinstein Neto.

nativa; É algo que a historiografia da imigração desses dois grupos ainda tem que apurar com maior afinco, pois dentro do grupo judeu, armênio e sírios há grupos sociais distintos que tiveram experiências de imigração e inserção social, comercial e política diferentes.

Inserção Econômica

Segundo os a teoria do interacionismo²⁰, a identidade de classe se sobrepõe a identidade cultural, onde uma reforça a outra. A imagem que, nós brasileiros, temos de judeus, armênios e sírios no Brasil é a figura do mascate e caixeiro viajante. Sírios tiveram realmente muito contato com essa prática econômica, os fatores que levaram a essa escolha ainda não são muito claras, mas Hajjar²¹ elenca uma série de motivos para tal escolha pelos sírios:

- A fuga das fazendas dos primeiros que vieram por causa dos contratos e do trabalho pesado, a agricultura diferente da que era praticada no Líbano e Síria e a falta de recursos para serem proprietários.
- Uma vez que vieram solteiros e quase sempre com a determinação de retornar a terra de origem, a maior parte deles não hesitou em optar por uma atividade que os mantivesse na condição de trabalharem para si próprios, escapando das agruras da condição de colonos ou operários.
- A atividade de mascateação tinha várias vantagens: Em primeiro lugar dispensa qualquer habilidade ou soma significativa de recursos. Segundo, ela não exigia mais que um conhecimento rudimentar da língua portuguesa e ao mesmo tempo o próprio trabalho os treinava o novo idioma. E terceiro, era relativamente certo que depois de não muitos anos de trabalho árduo era possível acumular algum capital.
- E por ultimo, o mascate em geral trabalhava para patrícios já estabelecidos que lhes adiantavam as mercadorias a serem vendidos. O acerto de contas com o fornecimento podia ser feito, portanto, após a venda de parte do produto a serem comercializados.

Algumas razões fazem certo sentido como a determinação de voltar para casa já que os ganhos com a mascateação eram três ou quatro vezes superior que a de um colono ou mesmo

²⁰ Poutignat & Streiff – Fenart, op.Cit.

²¹ HAJJAR, Claude Fahd: **Imigração árabe cem anos de reflexão**, Ed. Cone, São Paulo, 1985

de um operário²² e as redes de relações imigrantes facilitaram a propagar essa prática econômica entre os sírios. Mas algumas coisas não fazem sentido: carregar 100kg de mercadoria em uma carroça não é menos rigoroso que trabalhar na fazenda, para você comerciar precisa se comunicar bem e conseqüentemente saber bem o idioma local e o que não me intriga mais é o porque agricultores do Líbano e Síria seriam mascates no Brasil. Uma das minhas hipóteses é que o mercado brasileiro nessa época estava aberto para a atividade de mascateação, se fosse o ramo de sapataria que tivesse aberto, os sírios seriam sapateiros.

Mas mesmo assim isso não explica por completo o sucesso sírio nessa atividade, pois italianos e portugueses ocupavam essa atividade anteriormente e não tiveram tanto sucesso. Pode ser que as relações de compadrio entre os sírios (varejistas e mascates) na montagem nas redes comerciais pode ter ajudado nesse sucesso, aliado a isso a busca de novos mercados que os mascates sírios realizaram nas incursões no interior das fazendas, algo que os mascates portugueses e italianos não realizavam, ficavam circunscritos a capital paulista. Esses sírios que chegaram antes da primeira guerra e ocuparam a atividade de mascate conseguiram um sucesso econômico maior pois a sociedade brasileira estava se industrializando e assim o mercado de trabalho era crescente. Os sírios que chegaram após a segunda guerra mundial já encontraram o mercado brasileiro mais restrito e não puderam ocupar a atividade de mascate e foram montar pequenas lojas de tecidos na região do triângulo central, em geral não conseguiram tanto sucesso econômico.

Ser mascate era motivo de orgulho para família no Líbano ou na Síria, há relatos de que em algumas vilas 41% da renda vinha de imigrantes que trabalhavam como mascates no Brasil e se uma família tivesse algum membro mascateando por aqui era quase certo que a vida econômica de seus familiares melhoraria. Mas ser mascate não foi algo tão natural e simples para os sírios e buscar mercados no interior paulista não foi uma perspicácia do grupo. Italianos e portugueses da capital que eram mascates anteriormente promoviam boicotes a produtos sírios e uma forma de escapar a esse boicote seria ir buscar novos mercados consumidores nas fazendas já que os colonos eram assalariados.

Mas apesar da sobreposição de identidade onde uma reforça a outra, ela é produzida na relação cotidiana entre o Nós (imigrantes) e Eles (sociedade maior), onde o grupo dominante (Eles) impõe aos Nós uma identidade generalizante, e que se olharmos pelos olhos dos subordinados, veremos que essa identidade é plural e multifacetada.

²² LESSER, Jeff, **O judeu é o turco a prestação: etnicidade, assimilação e imagens das elites sobre árabes e judeus no Brasil**, In Estudos Afro-Asiáticos, nº 27, pp.65-85, 1995

A atividade de mascate também é ligada aos armênios, os primeiros que chegaram no início do século XX e se estabeleceram na capital paulista foram mascates e conseguiram sucesso econômico, razões iguais aos dos sírios, já os armênios que foram para Osasco formaram pequenas propriedades agrícolas e viviam dos produtos que essas propriedades forneciam. Já os que chegaram na década de 20 ocuparam o ramo calçadista e conseguiram sucesso igual aos primeiros armênios aqui radicados. O motivo de ingressarem nesse ramo também é oculto, o discurso oficial sobre isso recorre a tradição da cidade de Marash onde os armênios produziam calçados. Tenho minhas dúvidas, no Império Turco os armênios eram conhecidos como comerciantes e não como sapateiros e creio que o motivo de entrarem em peso no mercado calçadista seja o mesmo para os sírios entrarem na mascateação, o mercado estava aberto e propício para o estabelecimento de indústrias calçadista.

Os judeus ainda é uma questão que mais me intriga. O discurso oficial (Eles) tenta impor ao judeu (Nós) o caráter de mercador, de mascate:

O judeu quando chegava no Brasil ele não tinha uma profissão, então eles começaram a trabalhar como mascate. Eles davam o nome especial de cliente, clienteltik, ou seja: eles vinham batiam de porta em porta, via o que as pessoas precisavam e trazia mercadoria para essa pessoa que ela precisava e a pessoa pagava aquilo a vista ou geralmente, na maioria dos casos, a prestações, abria uma caderneta com pagamentos mensais, acho que foi o início do crédito aqui no Brasil foi através desses judeus e sírios mascates²³.

Muitos que estudam a imigração judaica para o Brasil tendem a confirmar esse mito. No primeiro período da imigração judaica para São Paulo, os primeiros judeus que chegaram no início do século XX alguns foram mascates, mas outros acharam outro ramo que foi o de fabricação de papel, principalmente os judeus que vinham da Europa Oriental. Na década de 20 quase não há judeus que vão para a atividade de mascateação, e nesse período vieram para cá 30.316²⁴.

Em análise em uma instituição que auxiliava na adaptação econômica de imigrantes judeus em São Paulo cheguei aos seguintes números: na Europa Oriental, origem de 95% dos assistidos, 39% não tinham empregos definidos, 11% eram alfaiates, 6,0% eram marceneiros, 5,5% sapateiros, apenas 2,0% eram vendedores. Ao chegar ao Brasil e se recolocar, 43,5% desses assistidos montaram pequenos estabelecimentos comerciais, sapataria, alfaiataria, marcenaria, etc. 21% foram trabalhar como operários nas indústrias paulistas, 14% foram

²³ Entrevista realizada por Márcio Mendes da Luz em 05-05-2006, entrevistado: Levy Rubinstein Neto.

²⁴ DECOL, Rene, **Judeus brasileiros...**op.cit.

donos de pequenas fábricas, de calçados, confecção, *matzes*²⁵ e produtos judaicos, e apenas 10% foram ser vendedores.

Os imigrantes do segundo e terceiro período de imigração eram compostos principalmente por profissionais liberais, 84.4% dos judeus alemães trabalhavam no terceiro setor, 25% dos advogados alemães eram judeus e a população judaica da Alemanha nessa época não passava dos 10% do total da população²⁶, o mesmo fenômeno ocorria com os judeus da Hungria que imigraram e em sua maioria trabalhavam no terceiro setor, 84,8%²⁷. No Brasil esses imigrantes ocuparam atividades similares que exerciam em seus países de origem, quase nulo aqueles que se aventuraram na mascateação.

Apesar de o imaginário brasileiro interligar os três grupos a atividade de mascateação e haver elementos dos três grupos nesta atividade, apenas o grupo sírio conseguiu se inserir de forma intensa nesta atividade, possivelmente ocasionado pelo momento de sua grande imigração, anterior a grande imigração de armênios e judeus. Chegaram no momento em que o mercado brasileiro ainda estava em formação e expansão o que possibilitou o crescimento econômico desse grupo, aliado com a rede de compadrio que faziam no Líbano e a vinda de irmãos e parentes para ajudar a montar as redes comerciais. Esse pioneirismo ajudou que os sírios se saíssem melhor também em outro patamar da sociedade brasileira, o da inserção política.

Inserção política.

A identidade de um imigrante não é algo fixo, já dado, ela é dinâmica onde a cada dia ela vai sendo criada e cria estratégias para melhor se adaptar a sociedade nativa. Um dos caminhos utilizados pelos imigrantes aqui analisados foi através do emprego, de diversas maneiras, sendo mascates, sapateiros ou mesmo operários. Mas outros utilizaram a política para que conseguissem se adaptar e assim construir, ou mesmo distanciar, uma identidade étnica que os envolva.

Os três grupos aproveitaram o clima de redemocratização do pós-guerra e fim do nacionalismo ufanista do regime Vargas para no pós-guerra se arriscarem na política nacional.

²⁵ Pão àzimo.

²⁶ LEVIN, Elena. **História de una Emigración (1933-1939): alemanes judios en la Argentina**. Buenos Aires, Belgrano, 1991.

²⁷ DECOL, René, **imigrações urbanas para o Brasil...**op.cit.

Dos três grupos, os sírios conseguiram maior sucesso que judeus e armênios. Grün²⁸ em seu artigo afirma que parte desse insucesso político dos judeus se remete a certa tradição judaica de privilegiar as atividades intelectuais do que atividades políticas, pois aquelas atividades davam mais prestígio a comunidade do que a atividade política que poderia manchar a imagem da comunidade perante a sociedade nativa. Creio que o autor cai em certos discursos montados da comunidade, em minha opinião o insucesso judeu e o sucesso sírio na política se dão por causa de um fator: o exclusivismo do voto étnico. Os políticos sírios conseguiram angariar outros votos que não fosse apenas o da sua colônia, conseguiram desvencilhar a figura do político da figura do sírio pois sabiam que apenas os votos da comunidade não bastavam para se eleger.

Com exceção de Horácio Lafer e Alberto Goldman, a comunidade judaica em São Paulo não conseguiu eleger políticos de grandes expressões²⁹. Já a comunidade síria conseguiu eleger constantemente deputados federais e estaduais, alguns desses candidatos conseguiram muitos votos fora da comunidade, seja por serem jornalistas como Emílio Carlos e Nicolau Tuma, ligados aos sindicatos como Camilo Ashcar ou mesmo ligados a clubes de futebol como Athiê Jorge Coury presidente do Santos Futebol Clube, Nabi Abi Chedid do Bragantino, Jamil Gadia do Guarani e de Wadih Helou do Corinthians. Mas os maiores nomes da comunidade síria-libanesa na política foram Ricardo Jafet que foi presidente do Banco Central durante o segundo governo Vargas e Paulo Salim Maluf que foi governador de São Paulo e prefeito da capital.

Os armênios também não conseguiram tanto sucesso político, com uma comunidade diminuta com 25 mil membros, elegeram no máximo dois vereadores um deles foi Keutenedjian, mas mesmo assim o político em sua entrevista a Grün ressaltou que apenas os votos da colônia não são suficientes para eleger políticos, deve-se conseguir se ampliar a imagem além da colônia para conseguir ser eleito. O armênio com maior representatividade na política brasileira foi Pedro Pedrossian governador do Mato Grosso.

Truzzi³⁰ afirmou que a aptidão dos sírios para política pode ser explicado pelo interesse político que seus membros tinham pelos acontecimentos de sua terra de origem e que conforme foram se inserindo a sociedade brasileira seus interesses políticos passaram para a política nacional. Não acredito que seja apenas isso, creio que a elite síria viu na política uma forma de inserção na sociedade brasileira e ser aceito pela elite nacional já que a

²⁸ GRÜN, Roberto, **Identidade e representação: os judeus na esfera política e a imagem na comunidade**, In Revista brasileira de ciências sociais, Nº 29, ano 9, 1994

²⁹ Político judeu de maior expressão nacional foi Jaime Lerner que foi governador do Paraná

³⁰ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra, **Patrícios: Sírios e libaneses em São Paulo**, Hucitec, São Paulo, 1997.

política é um lugar mais livre e menos influenciado pelas barreiras impostas pela elite nacional em impedir a ascensão social dos imigrantes o que ocorria freqüentemente quando algum sírio, judeu ou armênio tentava concorrer a algum cargo público de alto escalão como juiz, promotor ou mesmo professor titular de alguma instituição.

Conclusão

Como disse anteriormente, apesar de três montes que tem o mesmo simbolismo, tiveram trajetórias diferentes, Ararat ficou distante no imaginário dos armênios, Hermon foi invadido por Israel e ficou dividido entre o Estado judeu, Líbano e Síria, enquanto Sion virou símbolo nacional quase sagrado. Os mesmo ocorreu na imigração de armênios, sírios-libaneses e judeus em São Paulo.

Alguns estudos migratórios tendem a equiparar a trajetória de imigração e adaptação desses três grupos na capital paulistana, mas apesar das semelhanças que há entre essas trajetórias, as diferenças são maiores. Apesar da identidade étnica desses imigrantes ter sido construída no dia-a-dia na relação entre o Nós e Eles e a identidade de classe deles se amearhar a identidade cultural (todos mascates), não devemos estudar a imigração desses dois grupos apenas com a visão d'Eles (generalizantes) temos que se preocupar com visão dos imigrantes (Nós).

Temos que ver que o relativo sucesso desses grupos em relação a outros grupos imigrantes não se deve a alguma herança cultura ou mesmo genética de seus personagens, mas sim de estratégias, algumas bem sucedidas, de inserção que foram sendo construídas ao longo do tempo. Esses imigrantes não eram os desejáveis para a elite nacional, pois não eram rurais como os italianos e espanhóis, e sim urbanos. Suas estratégias foram sutis mas eficazes na maioria das vezes e são essas estratégias que devemos analisar na historiografia da imigração.

Como os historiadores que trabalharam com estudos comparativos, fiquei mais preocupado em elencar as diferenças do que as semelhanças, isso pode ser, como afirmou Truzzi³¹, da natureza do historiador em querer retratar a diferença e o particular diferente do sociólogo que procurar elencar o geral e as semelhanças. Também peço compreensão de meus colegas que isso é apenas um esboço que ainda há muitas coisas a ser reparado e modificado e para isso eu peço as contribuições que eles podem me oferecer.

³¹ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra, **Notas acerca...** op.cit.

Referência bibliográfica

- DECOL, René Daniel. **Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus**. Tese (Doutorado em demografia), Unicamp: Campinas, 1999.
- _____. Judeus brasileiros: um panorama demográfico. In: **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**, Humanitas, São Paulo, 2001, p. 53-68.
- GREEN, Nancy, **L’histoire comparative et le champ des études migratoires**, Annales, ESC, nov-dec, 1990, nº6
- GRÜN, Roberto, **Negócios e famílias: armênios em São Paulo**, São Paulo, Sumaré, 1992
- _____. **Identidade e representação: os judeus na esfera política e a imagem na comunidade**, In Revista brasileira de ciências sociais, Nº 29, ano 9, 1994
- HAJJAR, Claude Fahd: **Imigração árabe cem anos de reflexão**, Ed. Cone, São Paulo, 1985
- KLEINER, Alberto. **Inmigración judía a Brasil**, Instituto Hebreo de Ciências, Buenos Aires, 1943
- KNOWLTON, Clark, **Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhambi, 1961
- LESSER, Jeff, **O judeu é o turco a prestação: etnicidade, assimilação e imagens das elites sobre árabes e judeus no Brasil**, In Estudos Afro-Asiáticos, nº 27, pp.65-85, 1995
- LEVIN, Elena. **História de una Emigración (1933-1939): alemanes judios en la Argentina**. Buenos Aires, Belgrano, 1991.
- POUTIGNAT, Philippe & STREIF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, São Paulo: Ed. Da Unesp. 1998.
- TRUZZI, Oswaldo Mário Serra, **Notas acerca do uso do método comparativo no campo dos estudos migratórios**, In: **Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas**, org. Zeila de Brito Fabri e Oswaldo Mário Serra Truzzi, Edufscar, São Carlos, 2005.
- _____. **Patrícios: Sírios e libaneses em São Paulo**, Hucitec, São Paulo, 1997.